

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro  
Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

Recebido em: 19/4/2012

Revisado em: 8/5/2012

Aprovado em: 9/6/2012

### **O Campo da Comunicação na Argentina: Implicações para o debate brasileiro**

FOLLARI, Roberto<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto remonta ao desenvolvimento do ensino da comunicação social na Argentina. O país iniciou o processo educacional na América Latina, comparável ao processo sofrido no México nas décadas de cinquenta e sessenta. As imposições políticas e as transformações decorridas de acordo às decisões políticas tomadas na Argentina tendo a universidade de Buenos Aires iniciado o processo modernizador. A partir dessa análise, demonstram-se as transformações que o departamento de comunicação social sofreu na Argentina e os conflitos gerados pela atuação política na ditadura e no pós ditadura.

---

<sup>1</sup> O autor é professor de Epistemologia das Ciências Sociais na Universidade Nacional de Cuyo – Mendoza, Argentina. Docente em diversas universidades latino americanas.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

**Palavras chaves:** comunicação social, golpes políticos, ensino acadêmico.

**Abstract:** This text goes back to the development of education of the media in Argentina. The country began the educational process in Latin America, comparable to the process undergone in Mexico in the decades of fifties and sixties. The levies and political transformations elapsed according to political decisions taken in Argentina with the University of Buenos Aires started the process of modernization. From this analysis, we show the transformations that the media department suffered in Argentina and the conflicts generated by the dictatorship and political action in the post dictatorship.

**Key-words:** media, political coups, academic teaching.

## **Introdução**

Historicamente, Argentina tem sido um país com vantagens comparativas com os outros países sul-americanos. Vantagem essa, que foi desaparecendo nas últimas quatro décadas. Mas, até os anos cinquenta do século XX, ficou claro como encontrávamos um país relativamente avançado, consideravelmente industrializado, com bons índices de escolaridade e baixos de desemprego e analfabetismo. Sindicados fortes e condições sociais onde a classe

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

operária e campesina gozavam de certos direitos básicos. Esse panorama era destaque argentino naqueles anos em relação aos demais sul americanos. Monteiro Lobato, escritor brasileiro de contos infantis, disse certa vez em sua chegada a Buenos Aires, que a atual situação macroeconômica que o Brasil alcançasse, estaria longe do ideal desenvolvido na Argentina devido à preocupação da distribuição profunda das riquezas em relação a outros países.

Assim, fez com que a Argentina fosse pioneira na América Latina, somente comparável parcialmente com o México, a hora do desenvolvimento de suas instituições de ciência e de educação superior, nas décadas de cinquenta e sessenta do século passado.

De qualquer maneira, houve duas experiências político-históricas da Argentina que estimularam fortemente o desenvolvimento das ciências em geral, e das sociais em específico (com maior destaque): por uma parte do governo peronista de 1945-1955, que programou uma universidade dividida frontalmente pela intervenção governista dando forte apoio à resistência ao movimento universitário. O movimento peronista mostrava-se em uma linha católica (se bem que em sua última etapa entrou em um clima duro de enfrentamento contra a Igreja católica), resultando uma oposição às correntes positivistas e científicas em geral, o que acarretou, de certa maneira, a implicação de um estaque contra a entrada das

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

disciplinas empíricas que estavam desenvolvendo-se fortemente nos Estados Unidos no pós-guerra<sup>2</sup>.

Com a ditadura presidida por Onganía, em 1966, com o apoio do conjunto das Forças Armadas, ficou decidido que a Nação seria governada durante vinte ou trinta anos, sob a égide do modelo que Franco estabeleceu na Espanha. Preconizou-se o enaltecimento de um padrão da docência sobre segurança nacional (a busca pela eliminação dos conceitos marxistas e de seus seguidores), e assim, as ciências sociais passaram a ser enfrentadas como uma ameaça em geral, culminando com a intervenção policial na Universidade de Buenos Aires com a inesquecível frase: "Noche de los bastones largos" (noite dos bastões compridos). Logo em seguida, centenas de docentes renunciaram seus cargos e as autoridades legitimamente eleitas pelos claustros universitários durante o governo nacional de Arturo Illia. As universidades sofreram intervenções, e ao contrário do progresso antes existente, passou-se a uma política contraditória: à modernização que fora cometida nas universidades e estas assumiram o modelo de departamentos ao contrário do estabelecido por cátedras, pois a dupla segurança-desenvolvimento estabelecia que as doutrinas "subversivas" não eram utilizadas em uma

---

<sup>2</sup> Ver o texto de Maria Celina Farés sobre a configuração das direitas argentinas na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Nacional de Cuyo, na qual versa as relações conflitivas que o governo peronista dos anos 1945-1955 manteve com a universidade: "Universidad y nacionalismos en la Mendoza posperonista. Itinerarios intelectuales y posiciones historiográficas en la Facultad de Ciencias Políticas" en *Anuario IHES*, Instituto de Estudios Histórico-Sociales "Prof. Juan Carlos Grosso", Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. (imprensa)

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

universidade modernizada que representava um fator de dinamização do processo econômico do ponto de vista do suporte de tecnologia e de formação de recursos humanos. Assim a universidade representou uma visão retrógrada no ideológico, mas pretendia ser *aggiornada* nos procedimentos e gestões<sup>3</sup>.

As lutas nos movimentos estudantis e a descomposição da ditadura retiraram a hegemonia governamental na Universidade. A educação superior (que não incluía os Institutos de formação docente fora das universidades) foi fonte de permanentes conflitos nesses anos, as tomadas à força das faculdades e universidades inteiras passaram a ser rotina, uma vez que as intervenções dos estudantes nas lutas sociais ganharam contornos mais visíveis, como o conhecido “*cordobazo*” (1969).

Em um breve período democrático, 1973-1976, a universidade sofreu uma primeira intervenção com o pensamento progressista, que durou somente até a morte de Perón (julho de 1974). Pouco tempo depois, em setembro de 1974, a conhecida “*Misión Ivanissevich*” apareceu dentro do Ministério da Educação volta para a área de educação superior orquestrada pelo ministro Ivanissevich, com idade avançada. O foco da missão estava centrado e conduzido por pessoas conhecidas pelas políticas do nacionalismo de extrema direita (posicionamento ideológico franquista, não do fascismo

---

<sup>3</sup> Uma melhor perspectiva dessa direita em: Randle, Patricio. *La universidad em ruínas*. Buenos Aires: EUDEBA (acá debiera ser “desde esa derecha”, no “de esa derecha”).

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

italiano), a freqüência da repressão policial interna nas universidades passou a ser constante, a expulsão de docentes ou a expulsão camuflada na não renovação de contrato se fez presente e o obscurantismo mais reacionário terminou com a liberdade catedrática e, por conseqüentemente, com qualquer pensamento livre que estivesse fixado nos parâmetros das ciências sociais desenvolvidos ao nível internacional<sup>4</sup>.

A política posterior à ditadura brutal instalada em 1976 e que chegara – por sua própria imperícia – somente até 1983 mesmo que as pretensões se direcionassem por muito mais tempo, permitiu que a matrícula estudantil por via de vagas, expulsse docentes, estudantes e pessoal administrativo que caracterizavam atitudes de rebeldia política ou ideológica, fechar carreiras que foram consideradas “perigosas para a segurança nacional” (Sociologia e Psicologia estavam no cerne dessa questão), qualquer vestígio de autonomia universitária devia ser liquidada através de intervenções para eliminar qualquer tipo de conselhos democráticos possibilitando instalar um discurso atrasado e anti científico para o governo das instituições. Dessa maneira, o discurso religioso e a filosofia tomista proporcionaram exorcizar de uma vez, todos os maus culturais direcionados à modernidade e sua condução necessária: a ciência.

---

<sup>4</sup> O texto já citado de M.C. Farés – nota 2 – mostra cuidadosamente diversos matrizes na formação do pensamento de direitas em Mendonza, na qual replica certas condições do existentes em outros lugares do país, foram esses personagens que tomaram a direção das universidades naquele momento.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

Dessa maneira é possível visualizar a adversidade estabelecida dentro da Argentina, o que possibilitou entender a perda das vantagens comparativas inicialmente informadas. Com a última ditadura, autores capitais como Bourdieu, Derrida, Habermas, Foucault, etc. cujos nomes eram facilmente anunciados nas academias dos países latino-americanos (inclusive aqueles que, como o Brasil, haviam suportado governos autoritários), para o ano de 1983 – final da ditadura – eram desconhecidos para a grande maioria dos alunos e, para piorar o cenário, inclusive para a maioria dos professores. O obscurantismo estava instalado e as universidades e centros de investigações demoraram a desenvolver uma recuperação temporal porque o Conselho nacional de Investigações Técnico – Científicas (CONICET, em espanhol) havia sido ocupado pelos representantes mais retrógrados da representação anti científica, uma vez que foram observadas diversas irregularidades administrativas, que posteriormente foi possível esclarecer as situações logo depois das eleições das autoridades políticas pelo voto direto dos cidadãos.

Ao longo de quatorze longos anos, a Argentina viveu duas ditaduras, quase contínuas uma com a outra (interrompida somente por três anos de governo eleito pela população) que representou um retrocesso das instituições científicas e de educação superior do país. Nesses três anos de governo peronista, não foi possível avançar devido à missão Ivanissech permitir a perseguição ideológica de todas as universidades públicas, e que alguns casos, até as privadas. O resultado disso, são dezessete anos de um atraso e silêncio no

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

campo das ciências sociais, de perseguição ideológica e limitações à liberdade de pensamento e de publicação deles. Entretanto, houve um período (somente na ditadura de Ongania, não na de Videla e seus postulantes) algumas brechas que permitiram desenvolvimentos parciais alternativos – em alguns casos ligados à esquerda ideológica – o certo é que eles estiveram permanentemente ameaçados pelo fato de que os docentes não contavam com a nomeação explícita, somente em raros casos. Dessa forma, as condutas e comportamentos estavam constantemente vigiados e caso desviassem as normas, as condutas eram observadas possibilitando a perda imediata dos cargos devido ao posicionamento retrógrado das autoridades interventoras.

O peronismo foi um período histórico e salutar - como dito anteriormente, o anti liberalismo e o anti positivismo instalaram a idéia de que a filosofia tradicional deveria ser uma proposta contra as tendências modernizantes associadas às ciências sociais – pode-se entender sem dificuldades as causas do porquê a Argentina não ocorreu vantagem próspera no plano das instituições de educação superior sul americana. Passou a uma condição de considerável deterioração e necessitou de certo tempo para posicionar-se em um patamar de desenvolvimento no plano científico e acadêmico que se desenvolviam em outros países latinoamericanos, principalmente no México, país que havia se beneficiado com sua generosa e aberta atitude de recepção de distintos exílios. Este fato facilitou uma ampla variedade de investigações com a heterogeneidade de docentes de diversos países possibilitando que na década dos anos setenta se

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

produzisse congressos, pós graduações, publicações, etc. em que se concentravam, nas ciências sociais, os mais destacados trabalhos da época na América Latina.

## **O surgimento da Sociologia**

A Sociologia, de acordo com o historiador Ricardo Levene, começou a se instalar na Argentina a partir do ano de 1927, quando foi decretado a criação do Instituto de Sociologia, que posteriormente não saiu do papel. Foram realizadas diversas tentativas, sempre com a resistência dos acadêmicos associados ao pensamento filosófico que se propagava na reflexão sobre o social, e que pretendia manter o monopólio da palavra válida nesta área disciplinar.

A chegada do peronismo – que já antes do Golpe de Estado dado por GOU em 1943<sup>5</sup> - permitiria terminar esta possibilidade histórica, por razões que foram discutidas anteriormente. A Sociologia

---

<sup>5</sup> O GOU foi o Grupo de Oficiais Unidos que deu o golpe de Estado em 1943, separando um período de enorme corrupção e entrega do patrimônio nacional. A direção desse governo (presidido por Farrell) resultou que naquele momento Perón fora indicado a Secretário de Trabalho e Prevenção. Então foi cimentando as bases de apoio popular que logo concentraria, as margens desse governo militar, que proporcionaria, a ele, a vitória eleitoral no ano de 1945.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

esperou o golpe de Estado de 1955 e a restauração liberal anti-popular que a acompanhou, aliada por grande quantidade de intelectuais que celebraram o possível retorno da autonomia universitária e dos concursos para docentes (nos últimos anos do peronismo pode ser aplicado na Universidade o critério que assumia para o conjunto da administração pública, exigindo o carnê de filiação ao Partido Peronista para manter ou obter um cargo universitário)<sup>6</sup>.

É óbvio que esta modalidade compulsiva de imposição na universidade produziu um efeito contrário de enaltecer que a maioria do anti-peronismo próprio das classes médias e altas (as únicas que iam então à universidade, exceto no caso da Universidade Operária criada por Perón e que é a atual Universidade Tecnológica Nacional). Assim, uma grande maioria de intelectuais celebrou a derrota do peronismo imposta por via militar com o apoio dos setores civis, proporcionando o otimismo e a possibilidade de uma nova etapa histórica que permitiria dar conta de uma intervenção do governo militar de Aramburu nas universidades.

No ano de 1957, a Universidade de Buenos Aires iniciou a carreira de Sociologia (UBA)<sup>7</sup> com a figura de Gino Germani foi essencial para desenvolver essa situação que logrou impor uma noção modernizadora que segue a ciência empírica que, sem dúvidas, era uma enorme novidade em relação ao que se realizava

---

<sup>6</sup> M.C.Farés, op.cit.

<sup>7</sup> Pereyra, Diego: "Cincuenta años de la carrera de Sociología de la UBA. Algunas notas contra-celebratorias para repensar la historia de la Sociología en la Argentina", em: <http://sociologia.sociales.uba.ar/memoria.htm>

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

anteriormente. A postura de Germani desencadeou a persistência pela disciplina no país: o funcionalismo parsoniano como marca acadêmica e teórica na Argentina como acontecera em nível continental devido ao peso desta posição preconizada nos Estados Unidos.

O anti-peronismo de Germani funcionava como adequado ao pensamento governamental dessa etapa. O preconizador dessa disciplina no país, interpretaria o peronismo como a resistência das massas operárias recém chegadas a Buenos Aires para assumir as pautas modernizadoras que exigia a vida na cidade, com um processo de industrialização crescente e com diferentes funções.

É correto que este último produzia o sentido da resistência à modernização em algum momento que havia sofrido no próprio campo acadêmico e que pode ter impedido que a Sociologia entrasse previamente como carreira universitária e como graduação. O que caracterizava o pensamento do século XIX e primeira metade no século XX na Argentina (como nos poucos países latinos, em alguns inclusive com a chegada mais prolongada no tempo) é a existência de uma insuficiente diferenciação de funções, no sentido weberiano ligado à modernização das sociedades.

Desse modo, no século XIX (e também na primeira metade do século XX, mesmo que de maneira menos marcante) era possível ser militar, ensaísta, romancista, pensador social, diplomático e governante. Aparece a figura gigantesca de Domingo Faustino Sarmiento, um homem grandiosamente discutido na história

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

argentina, mas que ninguém negava (*debe significar que "tenía" ese talento*) o talento literário e a capacidade de inovação ao menos no que concerne a constituição do sistema educativo argentino, exitoso por muitos anos. Os diferentes critérios para aceitá-lo como literário, relativo ao pensamento social, militar e governamental não haviam sido suficientemente estabelecidos, alguém com muita capacidade poderia acomodar a todos com as mesmas capacidades básicas.

A Argentina iniciou forjar, em meados do século XX, a diferenciação de funções que aparece com a modernidade, amplamente divulgado nas carreiras adjuntas das ciências sociais. Estas constituem um espaço enormemente distante ao literário, e não é possível que eles pretendam referirem-se a temas próprios das ciências sociais em demérito de suas posições. Casos buscados como os de Vargas Llosa, que aparece reiteradamente com um primário catecismo neoliberal acerca da política contemporânea. São posições cada vez mais antiquadas que suportam o jornalismo desconhecedor e superficial ou nas escolas ideológicas ditas e suas instituições associadas, mas que encontram escassa possibilidade de aceitação por parte de quem conhece de maneira mais precisa o que é produzido – para este caso – nas disciplinas como a Filosofia e a Ciência Política<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Os artigos de Vargas Llosa – ideólogo da direita neoliberal - tem sido publicados, as vezes, pelo conservador diário La Nación, com sede em Buenos Aires. Jornal que aliou a ditadura criminal que governou a Argentina a partir de 1976.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

Hoje, essa diferenciação entre funções é muito marcada na Argentina. Nos casos de países com modernização tardia (Venezuela e Equador, por exemplo) a diferenciação está delineada, mas é um tanto pouco difusa, o que permite passar da academia à política (como por exemplo a nível ministerial) com bastante fluidez. Tal aspecto é menos marcado na Argentina, onde os acadêmicos estabelecem carreiras altamente especializadas, às quais os levam a não ser temidos por conta da gestão política ou não querer participar das tarefas para as quais são convocados, pois seria possível retirá-los a possibilidade de continuar competitivamente dentro do espaço das ciências sociais.

Dessa maneira, o aparecimento da Sociologia como carreira na Universidade de Buenos Aires abre um hiato importante na Argentina, pois estabelece a singularidade do pensamento sociológico em relação aos filósofos e advogados que previamente assumiram como donos vicários deste. Foi estabelecida, lentamente, a iniciação a investigação empírica concreta que modificou substancialmente os hábitos, atitudes e trabalhos prévios, baseados exclusivamente em leituras, reflexão, observação participativa e escrita. Abre também a passagem profissionalista posterior para conformar assessores, produtores de pesquisas, etc., um pequeno, mas inédito cenário – para o próprio país – de pessoas possibilitadas a afinar a atividade realizada em oficinas de planejamento e de execução de diversos espaços, tanto estatais como ligados a empresas privadas.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

É necessário ressaltar que pouco depois disso, se daria na Argentina uma árdua luta na qual participaram tanto estudantes como docentes, fora a igreja, a imprensa e um amplo número de setores extra-universitários. A intenção, finalmente alcançada, por parte do governo desenvolvimentista de Arturo Frondizi, de que pudessem abrir universidades de propriedade privada, ou seja, aquela que não foram aportadas pelo Estado (se bem que muitas, sobre tudo as da igreja católica, obtiveram, logo, importantes subsídios estatais para os financiamentos).

Esta foi uma enorme batalha, que se desenvolveu abaixo da equivocada apelação ao “*ensinamento livre*” (privado), contra o “*ensinamento laico*” (estatal). É certo que pode advertir-se que nem todo o ensino privado deixava de ser laico, uma vez que as universidades religiosas formam somente uma parte do total das universidades privadas que existem hoje na Argentina (existem quase em números idênticos às estatais: são 46 contra 48 do Estado. Mas contam com um percentual de estudantes muito menor: cerca de 30% do total)<sup>9</sup>. Cabe lembrar que foi a igreja a encarregada de lançar e propagar essa batalha como uma forma de reação diante da modernidade científica e o pensamento político tanto liberal como marxista, ambos seriam combatidos nestas novas universidades.

O governo de Frondizi (iniciado em 1958) surgiu de um acordo secreto de quem chegou a presidente com o prospecto de Perón, que

---

<sup>9</sup> Dados sobre o número de universidades provenientes da Secretaria de Políticas Universitárias: [www.spu.gob.ar](http://www.spu.gob.ar)

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

desde o exílio ordenou que votassem. Mas na presidência, Frondizi foi deixando lentamente de lado os acordos realizados previamente com Perón. A grande tradição reformista da Universidade argentina, país que originou a célebre reforma nos anos de 1918, levou a opor-se com a decisão a estas intenções privatistas para a educação superior que Frondizi pretendia.

A luta chegou aos golpes físicos, foi demorada e sofrida, mas a igreja (ligada com o governo) finalmente logró derrotar a los partidarios de la universidad estatal devido a um posicionamento de uma parte estudantil. O curioso foi que em um considerável setor, os alunos se posicionavam favoráveis devido à associação em prol da igreja, pois seriam logo reconhecidos como ativistas de esquerda, quando o peronismo radicalizava-se nos finais dos anos sessenta levando consigo, a um importante setor do ativismo católico. E mais, inclusive no PRT (Partido ligado à guerrilha marxista do ERP) mostrou que existiu uma notória revolta de formação católica por parte de não poucos de seus militantes<sup>10</sup>.

Assim a Sociologia foi suave no começo das ciências sociais na Argentina. Sua aparição é, de algum modo, o início da ciência empírica e do périplo de uma ampla dispersão de disciplinas sociais que não existiam previamente ou que existiam em graus precários

---

<sup>10</sup> Ver Lanusse. P., Montoneros: el mito de los doce fundadores, tese de doutorado do Parente do general Lanusse, militar de larga trajetória anti peronista. Sobre el ERP, ver Pozzi, Pablo: EL PRT-ERP, la guerrilla marxista, Imago Mundi, Buenos.Aires, 2004.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

sob figurinos da filosofia e do ensaísmo em que se encontraram antes do hiato de 1957. Encontraron así As condições para sua emergência no campo das ciências e de toda sua institucionalidade associada: carreiras universitárias de graduação e, logo, em pós-graduação, revistas especializadas, congressos acadêmicos, centros de investigações reconhecidos, etc.

## **Tempos de Comunicação Social**

A Comunicação Social estava surgindo por entences como uma carreira de graduação em todo o subcontinente, com a mão do avanço da complexidade técnica e do peso mediático na sociedade. Dessa maneira, o México até meados dos anos setenta possuía várias licenciaturas nessa temática, às quais por certo tinham docentes com titulação em outras áreas, tais como: jornalismo, literatura ou lingüística. Nesse período, recorria-se na América Latina os procedimentos iniciais da Comunicação como ciencia em nível mundial, tal o caso da *Mass Communication Research* e posições de caráter científicos contraditórios (fortemente sugestivos, quando apareciam quase que proféticas) como as de Marshall Mc. Luhan.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

Entretanto, a presença de variados exilados no México permitidos por uma política internacional aberta e progressista (logo liquidada pelos governos posteriores do PAN), rapidamente implicou a imposição de modelos críticos-ideológicos na disciplina nascente. O ataque ao poder midiático e a noção primária de “manipulação da opinião” estiveram presentes nestes tempos pioneiros, fortemente influenciados pelo modelo teórico externado por Armand Mattelart no livro: *Para leer el Pato Donald*.

O sangrento golpe de Estado de Pinochet já estava estabelecido e por seguinte, o final na tentativa de Allende de lograr por uma vida pacífica ao socialismo no Chile. Também as muitas guerrilhas sul americanas haviam sido derrotadas (o caso do ERP-PRT e de Montoneros na Argentina, os Tupamaros no Uruguai)<sup>11</sup> com o posicionamento da militância deu em muitos casos voltados ao campo acadêmico. Os exilados foram recebidos como docentes quando se encaixavam dentro da universidade mexicana - que registrava uma extraordinária explosão de matrículas para o projeto renovador que fora iniciado pelo presidente Echeverria<sup>12</sup> e em outros casos,

---

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> Echeverria levou a uma reconciliação – obviamente parcial – do regime do PRI com as classes médias e a intelectualidade mexicana atrás da repressão do ano de 1968, que resultou em muitos mortos e da que él fuera o Secretário de Governo (do governo de Diaz Ordaz) quando foram desencadeados os fatos. Para ele, foi enorme o salto dado em uma certeza universitária, criando novas universidades, institutos tecnológicos dedicados a engenharia e abrindo comissões de planejamento y de apoio docente em quase todas as universidades, entre outras medidas modernizadoras. Foi durante ese período que fundou a UAM (Universidade Autónoma Metropolitana) descentralizada em varias unidades dentro do Distrito Federal.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

escreveram-se como alunos e começaram a estudar nas universidades – a grande maioria públicas e que cobravam uma pequena taxa.

A Comunicação – como disciplina específica, como carreira singular – chegou tarde à Argentina pelos fatos que mencionamos anteriormente. A ditadura que começou em 1976 aprofundou a enorme repressão que houve entre os anos de 1966 a 1973 com o movimento ultra reacionário da “missão Ivanissevich”, ocorrido entre 1974 e 1976. A Argentina perdeu quase vinte anos em relação aos desenvolvimentos internacionais nas ciências sociais, e isso era notório. Em 1984 frente a existência de volumosos e obsoletos planos de estudos propuestos por la dictadura y basados en la religión y que se apresentavam como algo “propriamente científico”, a universidade argentina tuvo nova intervenção pelo governo do presidente Alfonsín, com o intuito de normalizá-la, restituir a autonomia e o pleno direito à liberdade da cátedra e participação dos atores no governo universitário. A normalização no foi fácil, a resistência das direitas foi tenaz. Muitos dos que haviam colaborado com a repressão disimularon y se mantuvieron en nas instituições universitárias. Igualmente foram sancionados alguns dos casos mais divulgados na cumplicidade com as ditaduras e abriu o espaço para pensar com liberdade os novos planos de estudos e das carreiras que se poderiam ser estabelecidas.

Como em muitos outros países, o surgimento das carreiras de Comunicação esteve ligado a carreiras anteriores ao jornalismo, às

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

quais outorgavam habitualmente a titulação técnica de caráter intermediário, não licenciaturas. Tratava-se de ensinar um ofício, mais que uma disciplina científica. É o caso da Escola de Jornalismo que funcionou em 1973 na cidade de Mendoza, uma experiência progressista no ideológico que chocou com a crescente radicalização do processo repressivo, de maneira que no ano de 1976 foram expulsos muitos de seus docentes (vários deles foram ao exílio) e assim perseguidos, com ameaça de morte, como estavam expulsos diversos alunos, culminando com o seqüestro e assassinato de alguns deles. A Escola foi fechada em 1976 por decisão da ditadura.

O surgimento das carreiras de Comunicação foi tardio na Argentina e na emblemática Universidade de Buenos Aires. Somente em 1985 (imediatamente após terminada a ditadura e conseqüente recuperação de um governo constitucional) que a carreira foi criada logo em seguida começava a funcionar.

A sonorização de mudanças foi rápida: como um estalo de uma força dinâmica e muito densa. É necessário advertir que o peso midiático na sociedade começava a crescer com a carreira que adquiria gradualmente uma relevância maior; dentro de um campo das ciências sociais que se beneficiava com o retorno de múltiplos docentes e pesquisadores que foram expulsos pelo golpe de Estado, egressos do exílio. Retirando a pergunta relativa a “que passou com os argentinos” para tolerar e, em alguns casos apoiar, um processo ditatorial tão extremo e criminal, levava a uma busca nas ciências

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

sociais por respostas plausíveis em um momento de enorme repensamento sobre o passado e o futuro da Nação.

As Universidades nacionais de longa tradição, como Córdoba e Cuyo (esta última localizada na cidade de Mendoza) se uniram rapidamente à produção de suas próprias carreiras de Comunicação, em alguns lugares (como é o caso da tradicional Universidade Nacional de La Plata) se instalou uma Faculdade de Ciências da Comunicação o que demonstra o peso que projetou a nova carreira. Em lugares como Córdoba desenvolveu-se uma Escola, que fora uma dependência interna a uma Faculdade maior, implicando um *status* maior ao que simplesmente possa ter uma carreira de Comunicação dentro de uma Faculdade de Ciências Sociais (como é o caso na Universidade Nacional de Cuyo).

A partir daí, começou o périplo pela consolidação da disciplina. Esta sofreu uma definição epistemológica difusa, que surge desde o campo do profissional e não desde o acadêmico (que se opõe a modalidade própria da carreira de Sociologia, por exemplo)<sup>13</sup>. Na verdade, a Universidade Nacional de La Plata, a faculdade denomina-se de “de jornalismo e comunicação social” que fica exposto, ocultamente, um dos conflitos de constituição que foi preciso enfrentar (e segue essa problemática) as carreiras de Comunicação.

---

<sup>13</sup> Estive trabalhando este tema na investigação denominada: “Ciencias sociales: algunos de sus problemas epistemológicos (los casos de Sociología y Comunicación)” conduzido na Universidade Nacional de Cuyo de 2009 a 2011 e o informe final está na universidade.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

Há uma pretensão de externar que a Comunicação tenha um objeto teórico próprio (é o caso das pesquisas sugestivas do espanhol Martin Serrano e de alguns que utilizam seu legado de certa maneira na América Latina, como no México com Tanius Karam ou Jesús Galindo). Entretanto, cremos que entender “comunicação” como sinônimo de “informação” leva a Comunicação fora do espaço exclusivo das ciências sociais (pois tem processos de transmissão de informações na biologia e na computação) com o qual se despolitiza e retira a especificidade do debate.

Dessa maneira, um importante grupo de pesquisadores entende que Comunicação padece do problema de que não é uma disciplina com “objeto teórico” próprio (Bourdieu) e ele a remete a incluir desenvolvimentos prévios de outras disciplinas para trabalhar seu “objeto real”<sup>14</sup>.

Então estabelece a seguinte pergunta: forma-se “comunicadores” ou forma-se “comunicólogos”? Estes últimos seriam científicos da comunicação, pesquisadores, docentes, acadêmicos. Os primeiros seriam jornalistas, mas não somente isso: também locutores, produtores, iluminadores, diretores cinematográficos, radialistas, etc. O imbróglio suscitado destaca o “profissionalista” das carreiras de Comunicação, dado que o mesmo é determinante em relação à explosão de matrícula universitária nelas e indica uma expectativa que não tem posto o lugar no científico, senão principalmente no alto dos postos de trabalho ao finalizar a carreira.

---

<sup>14</sup> Estas distinções em: Bourdieu et al., El oficio de sociólogo, Buenos.Aires, Siglo XXI, 1975.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

Este fato torna evidente o escasso interesse científico dos estudantes de Comunicação. Na Universidade Nacional de Cuyo, por exemplo, no ano de 2011 havia mais alunos, bolsistas para fazer pesquisas, oriundos da Sociologia que da carreira de Comunicação apesar de que esta última conta com uma matrícula de 400% ou 500% a respeito da primeira.

A Comunicação propiciou, então, com o espírito pós moderno que adentrou na região sul americana desde os anos noventa, uma coincidência com o auge econômico e político do neoliberalismo e das privatizações. Para muitos estudantes – obviamente que não para todos – tratava-se de uma carreira eminentemente técnica, com finalidades operativas, a qual se escancara o escasso peso acadêmico-científico em relação a algumas carreiras sociais mais tradicionais, como é o caso da Antropologia, da Sociologia ou da Ciência Política.

Esta situação coincidiu, nos anos noventa, com o auge dos estudos culturais nas carreiras de Comunicação, mas não só com elas (também na Literatura, Antropologia, quando não na Sociologia ou Teoria Política). Autores como Jesús Martin-Barbero e Néstor Garcia Canclini alcançaram enorme abertura com essas carreiras, produzindo vários efeitos problemáticos: 1. Oclusão da especificidade do comunicacional, confundindo com o antropológico urbano, por qual os estudantes às vezes recebem escassas ferramentas de análise discursiva, semiológico ou da teoria social; 2. Tendência ensaística que substitui a exigência epistemológica, onde a teoria tende a ser

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

realocada por um sentido vazio comum ligado às experiências pessoais e às modas culturais de turno; 3. Destrinchando da crítica ideológica aos modelos dominantes. Tudo isso fez das carreiras de Comunicação um espaço enormemente povoado, onde os estudantes de alta qualidade não são maioria, existindo uma expectativa hegemônica entorno de quais mídias irão trabalhar ligadas a certa refutação pelo rigor teórico e a exigência conceitual<sup>15</sup>.

O certo é que os fenômenos universitários convivem com a existência dos espaços sociais para os quais a comunicação é necessária, especialmente os referidos como “comunicação popular”. É um fenômeno dado em toda a América Latina, tal comunicação popular não se opõe aos espaços universitários de institucionalização da Comunicação, mas tão pouco tem acompanhado diretamente, configurando uma espécie de “espaço paralelo” àqueles desenvolvidos. Ressalta-se, por exemplo, o funcionamento da CIESPAL<sup>16</sup> no Equador que posteriormente foi disposta a toda região latina, e das numerosas associações de rádios comunitárias, diários dos bairros, etc., que na Argentina estão fortemente organizadas e possibilitaram fatos decisivos – junto às carreiras de Comunicação – na luta por opor a Lei de Serviços Audiovisuais promulgada em 2009. Uma vitória expressiva das associações.

---

<sup>15</sup> Temos desenvolvido nossa crítica aos denominados estudos culturais no livro: *Teorías débiles: para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales*, Homo Sapiens, Rosario, 2002.

<sup>16</sup> Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación na América Latina, situado en la ciudad de Quito (Ecuador).

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

O crescimento das carreiras de Comunicação tem sido exponencial nos últimos 25 anos. O processo que se estendeu por toda a América Latina, foi muito marcado na Argentina. A carreira ocorre com um crescente número de matrículas em relação às demais carreiras universitárias do país, possibilitando a egresso de muitos desempregados entre os novos universitários. É preciso enfatizar que os que efetivamente ocupam-na representam uma grandiosidade em comparação com outras áreas das ciências sociais. O mercado midiático segue promissor apesar de parecer esgotado (os novos meios eletrônicos oferecem possibilidades inéditas), a comunicação institucional adquire também seu peso próprio em empresas públicas e privadas. Com a quantidade de egressos que aumentou em cinco vezes a Sociologia, por exemplo, destacou-se por uma porcentagem alta dos egressos que obtivesse trabalho e, por eventualidades, quase sempre em áreas afins que resultam próprias da profissão<sup>17</sup>.

Com este desenlace foi possível chegar à atual condição de existência de 25 carreiras de graduação em Comunicação dentro das universidades estatais da Argentina, e de mais umas 15 privadas (no total é possível chegar a 58, mas é preferível contar com uma só carreira quando se trata da mesma Universidade que oferece o curso em diferentes lugares). Na Sociologia, há apenas 11 estatais e poucas privadas (Universidade de El Salvador, Kennedy, de Ciências Empresariais, Del Siglo XXI – esta a distância)<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Conforme o posicionamento apontado na citação de número 13.

<sup>18</sup> Dados obtidos em: <http://guiadecarreras.siu.edu.ar/aplicacion.php>, consultado em janeiro de 2012.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

O número de carreiras de Comunicação é, então, mais que o dobro que as existentes em Sociologia, uma disciplina com muita credibilidade histórica. Mas estes dados não refletem a real diferença na matrícula já que cada uma das carreiras de Comunicação soa ser muito mais numerosa – para a mesma escala de universidade ou da localidade em que o referido curso que é ministrado – que equivale de Sociologia.

A diferença de matrículas (correspondente também ao número de egressos) é muito alta, assim quanto o tipo de estudantes que vão para cada uma dessas carreiras. Os de Sociologia pertencem a setores de pais profissionais, portadores de maior capital simbólico. Portanto, é necessário admitir que em geral pertencem a setores sociais mais acomodados e seus gostos são conceitualmente mais sofisticados. Querem ser teóricos ou pesquisadores, desejam propiciar mecanismos críticos à sociedade em que vivem, a reflexão e as leituras lhes interessam muito. Há uma porcentagem menor de alunos de Comunicação que compartilham estas características (que em números absolutos, não está muito distante do número dos que estudam Sociologia), mas a grande maioria dos estudantes de Comunicação têm expectativas profissionais exclusivas quando não diretamente relacionadas às mídias, com a possibilidade de obter entradas econômicas e até reconhecimento público na probabilidade de trabalhar em rádio ou na televisão.

As carreiras de Comunicação passaram a ser numerosas que por exemplo, no caso de Mendonza uma cidade com um pouco mais

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

de um milhão de habitantes, existem três: a Universidade dependente do Estado (Universidade Nacional de Cuyo), e outras duas com o surgimento posterior: Universidade Juan Agustín Maza e a Universidade de Congresso, ambas privadas.

A isso é possível somar que as duas cidades capitais de estados mais próximos (San Juan e San Luis) cujas universidades originalmente participavam da mesma Universidade Nacional de Cuyo tem carreiras de Comunicação. Antes da separação da Universidade Nacional de Cuyo em três (ocorrida em 1973) já existia a carreira de Sociologia em Mendonza que logo foi fechada pela ditadura iniciada em 1976 e retomada com o término dela em 1983. Não havia, naquele período, nenhuma carreira de Comunicação. Hoje as três têm Comunicação e somente duas possuem Sociologia (aliaram-se as da Universidade de San Juan), sem que as demais de Sociologia estejam presentes em universidades privadas. É como dizer: passou de 1 – 0 a favor das carreiras de Sociologia na região, a atual 5 – 2 favorável às carreiras de Comunicação.

Fora todo esse cenário crescente, a Comunicação foi se especializando. Apareceram revistas e organizações específicas, estabelecendo a AFFACOS (Associação de Faculdades e Carreiras de Comunicação) e a que teve fluidez no contato com FELAFACS, instituição de reconhecimento internacional na região latina que fixou a disciplina (se bem que seu reconhecimento esteve menor na primeira década do século XXI). A revista principal da FELAFACS tem um rol de distribuição em todo o subcontinente (“Diálogos da

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

Comunicação”) e é possível identificar muitos acadêmicos argentinos, siendo un espaço de reconhecimento mútuo de uma identidade temática e conceitual em comum com acadêmicos de toda América Latina.

Por problemas de política acadêmica (e não de políticas a secas, que proporciona conforme uma situação habitual no espaço dos intelectuais)<sup>19</sup> houve uma divisão na AFFACOS que no começo do ano de 2012 temos as associações de carreiras e faculdades divididas em duas associações diferentes: a FADECCOS e a REDCOM. De qualquer maneira, o campo está a nível nacional, fortemente estabelecido. Tem um grau de presença conjunta muito marcada, maior que os que encontramos em outras disciplinas sociais no mesmo país.

O certo é que tem aparecido diferentes traços que estabelecem um campo disciplinar: um número razoável de revistas próprias, mesmo que em rara periodicidade previsível de edições. Múltiplas pós graduações: *lato sensu* até *strictu sensu* (doutorado), que estão crescendo continuamente avaliados pelo CONEAU<sup>20</sup>, mesmo que de forma duvidosa possa demonstrar seus egressos a médio e longo prazo. De qualquer modo, neste nível se tem avançado

---

<sup>19</sup> Esta preeminência dos interesses pessoais dos intelectuais sobre seus explícitos pontos de vista ideológicos, foi possível retratá-los en nuestro livro: *La selva académica (los silenciados laberintos de los intelectuales en la universidad)*, Homo Sapiens, Rosario, 2008.

<sup>20</sup> CONEAU: Comissão Nacional de Avaliação e Acreditação Universitária, criada em 1996 e responsável por avaliar as universidades, as carreiras de pós graduação e agora parte das carreiras universitárias de graduação.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

consideravelmente. No começo dos anos noventa a presença de pós graduações em Comunicação era quase nula, enquanto aqueles ligados a ciências mais tradicionais e de surgimento anterior (Ciência Política, Sociologia) estavam relativamente consolidados.

O número de congressos em Comunicação na Argentina, é um fator notável devido a sua quantidade. Cada uma das duas associações organiza um congresso anual, que se soma, as vezes, ao da ALAIC (Associação Latino Americana de Investigadores em Comunicação) que poderá realizar-se em outros países, mas que mesmo assim participam muitos argentinos. Muitas vezes há a possibilidade de desenvolver jornadas nacionais prévias na Argentina. Anualmente também existe um congresso organizado exclusivamente para os jovens pesquisadores em Comunicação e outros que ocasionalmente surgem de iniciativas de organizações civis ou de carreiras da Comunicação por si mesmas.

A oferta de congressos dispõe es muy numerosa, contratando com o campo em que predomina o profissional que enfatiza problemas epistêmicos para determinar o objeto de análise e da formação de estudantes nos níveis mais altos (doutorado) que não é massiva.

A curiosa proliferação de congressos e reuniões científicas é observada como um sintoma. Uma carreira que por muitos anos não teve reconhecimento oficial do CONACYT (organização máxima de investigadores científicos do país) e não houve uma comissão específica para esta temática que oferece difusão de resultados de

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número 10, 2012, pp. 20-48.

investigação mesmo quando muitos dos seus alunos não se interessam pela investigação e os poucos que a fazem têm problemas desde o ponto de vista da constituição conceitual do seu objeto.

Isto nos leva ao ponto final do nosso trabalho: obrigatoriamente, a massividade por si só não garante qualidade científica. A Comunicação tem percorrido um longo trajeto na Argentina que tem avançado decisivamente sobre sua quase inexistência prévia em 1985. Mas o caminho da reflexão e da consolidação disciplinar deve ser assumido como um processo lento e sem atalho. Não é aumentando o número de reuniões científicas que será possível melhorar nossa qualidade acadêmica, caso não se apele para a paciência e ao cuidado que mencionava, há muito tempo, Bachelard<sup>21</sup>: os obstáculos ao conhecimento incluem o reconhecimento e a publicação com um dos que possam resultar mais insidiosos.

---

<sup>21</sup> Bachelard, G.: La formación del espíritu científico, Siglo XXI, México, 1978.